



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

ALISSON CÉSAR DE SANTANA

**OCORRÊNCIA DE AFECÇÕES ORAIS EM FELINOS (*Felis catus*) ATENDIDOS
NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA PARAÍBA - UFPB (2018-2022): UM ESTUDO RETROSPECTIVO**

AREIA

2024

ALISSON CÉSAR DE SANTANA

**OCORRÊNCIA DE AFECÇÕES ORAIS EM FELINOS (*Felis catus*) ATENDIDOS
NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA PARAÍBA - UFPB (2018-2022): UM ESTUDO RETROSPECTIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Medicina Veterinária da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial
à obtenção do título de Bacharel em
Medicina Veterinária.

Orientador: Prof.(a). Dr.(a). Danila
Barreiro Campos.

AREIA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S232o Santana, Alisson Cesar de.

Ocorrência de afecções orais em felinos (*Felis catus*) atendidos no Hospital Universitário Veterinário da Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2018-2022): um estudo retrospectivo / Alisson Cesar de Santana. - Areia, 2024.

46 f. : il.

Orientação: Danila Barreiro Campos.
TCC (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Medicina Veterinária. 2. Gengivo estomatite crônica. 3. Doença periodontal. 4. Gengivite. 5. Tratamento. I. Campos, Danila Barreiro. II. Título.

UFPB/CCA-AREIA

CDU 636.09 (02)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA
CAMPUS II – AREIA - PB**

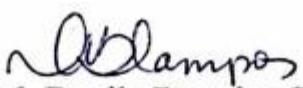
DEFESA DO TRABALHO DE GRADUAÇÃO

Aprovada em 30/10/2024.

**“OCORRÊNCIA DE AFECÇÕES ORAIS EM FELINOS (*Felis catus*)
ATENDIDOS NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO VETERINÁRIO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB (2018-2022): UM
ESTUDO RETROSPECTIVO”**

Autor: Alisson César de Santana

Banca Examinadora:


Prof^ª. Dr^ª. Danila Barreiro Campos
Orientador(a) – UFPB


Me. Bianca da Nóbrega Medeiros
Examinador(a) – UFPB


Me. Rafael Lima de Oliveira
Examinador(a) – UFPB

A meu pai Eliel César e meu irmão Alex César,
(*in memoriam*) DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha maravilhosa mãe Rosiane Soares, embora fisicamente ausente do meu cotidiano da graduação, pude sentir sua presença ao meu lado, dando-me força através ligações e mensagens diárias.

À Deusa Tríplice Hécate, a Mãe-Terra Gaia e minhas ancestrais por suas bênçãos, ensinamentos e proteção.

À Romeu, meu primo, por despertar meu sonho de cuidar dos animais já escanteada por tantos problemas vividos, e sempre me incentivando aos estudos.

À Prof^a Danila e Rafael, meus orientadores, por seu empenho, coragem e confiança ao longo dessa orientação conturbada por minha parte.

Aos meus amigos que conheci na faculdade, Emanuel (Madonna), Fernando Mendonça, Rodrigo, Gêssica, Kilmer, Muriel, Diego, Jeferson, Adônis, Renally, Vilar, Wesley, Sandra Barraco e outros.

Aos professores do Curso de Medicina Veterinária da UFPB, em especial, Sara Vilar, Alexandre José, Luíz Eduardo, Ívia Talieri, Valeska Shelda, Felipe Nael, Érika Fonseca, Isabela Barros, Norma Lúcia e Anne Evelyne que contribuíram ao longo desses semestres, por meio das disciplinas e debates, para o meu desenvolvimento durante toda a graduação.

Aos funcionários da UFPB: Assis, Toinho, Juliete, Val, Livia, Adriana, Betânia, Dona Gilma, Sr. Expedito e outros, pela presteza, atenção e atendimento quando me foi necessário.

Aos meus colegas de vôlei, por me aturarem em cada jogo.

Aos colegas de classe pelos bons, maus, incríveis e angustiantes momentos que passamos.

Por fim, que esta jornada repleta de desafios e descobertas sirva como um lembrete do poder da colaboração e do conhecimento compartilhado, agradeço a todos que estiveram ao meu lado, tornando possível a realização deste trabalho.

“Somos sempre um pouco menos do que pensávamos. Raramente, um pouco mais.” (Cecília Meireles)

RESUMO

As afecções orais em felinos são um problema prevalente com impacto significativo na qualidade de vida desses animais. Este estudo retrospectivo analisou os dados de 478 gatos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da Universidade Federal da Paraíba (HV/UFPB) entre 2018 e 2022, com o objetivo de traçar um perfil epidemiológico das afecções orais diagnosticadas. Os dados das fichas médicas foram analisados e incluíram informações sobre o tipo de afecção, características do paciente (idade, sexo, raça) e tratamento realizado. Os resultados revelaram uma alta prevalência de doenças periodontais, com a doença periodontal e a gengivite acometendo, respectivamente, 22% e 19% dos animais. O tratamento terapêutico com medicamentos foi o mais frequente (37%), seguido pelo tratamento periodontal (8%) e pela cirurgia (15%). Em 40% dos casos, não foi registrado nenhum tipo de tratamento. Concluiu-se que as doenças periodontais são um problema frequente na população felina atendida no HUV/UFPB, ressaltando a importância da prevenção e do tratamento precoce dessas afecções.

Palavras-Chave: gengivo estomatite crônica; doença periodontal; gengivite; tratamento; gatos.

ABSTRACT

Oral affections in cats are a prevalent problem with a significant impact on the quality of life of these animals. This retrospective study analyzed data from 478 cats seen at the Veterinary University Hospital of the Federal University of Paraíba (HUV/UFPB) between 2018 and 2022, with the objective of tracing an epidemiological profile of the diagnosed oral affections. Data from medical records were analyzed and included information on the type of condition, patient characteristics (age, sex, breed) and treatment performed. The results revealed a high prevalence of periodontal diseases, with periodontal disease and gingivitis affecting 22% and 19% of the animals, respectively. Therapeutic treatment with medication was the most frequent (37%), followed by periodontal treatment (8%) and surgery (15%). In 40% of the cases, no type of treatment was registered. It was concluded that periodontal diseases are a frequent problem in the feline population seen at HUV/UFPB, highlighting the importance of prevention and early treatment of these conditions.

Keywords: chronic gingival stomatitis; periodontal disease; gingivitis; treatment; cats.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Raças dos felinos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB (2018-2022)	35
Figura 2 – Sexo dos felinos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB (2018-2022).....	36
Figura 3 – Idade dos felinos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB (2018-2022).....	37
Figura 4 – Tratamentos dos felinos (n=478) atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB (2018-2022).....	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição das afecções orais dos felinos dos felinos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB por ano de diagnóstico (2018-2022).....	30
Tabela 2 - Lista de Distribuição/divisão das afecções orais em felinos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB por diagnóstico (2018-2022).....	32
Tabela 3 - Vermifugação em felinos (n=478) atendidos no HUV/UFPB (2018-2022).....	38
Tabela 4 - Vacinação dos felinos (n=478) atendidos no HUV/UFPB (2018-2022).....	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAF: Citologia Aspirativa por Agulha Fina

CCE: Carcinoma de Células Escamosas

CEUA: Comitê de Ética no Uso de Animais

CGEF: Complexo Gengivo Estomatite Felina

DIOF: Doença Inflamatória Oral Felina

DP: Doença Periodontal

FCV: Calicivírus Felino

FeLV: Vírus da Leucemia Felina

FHV-1: Herpesvírus Felino 1

FIV: Vírus da Imunodeficiência Felina

FPV: Parvovírus Felino

HUV/UFPB: Hospital Universitário Veterinário da Universidade Federal da Paraíba

RM: Ressonância Magnética

SPSS: Statistical Package for the Social Sciences

SRD: Sem Raça Definida

TC: Tomografia Computadorizada

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 ANATOMIA E FISIOLOGIA DA CAVIDADE ORAL FELINA	14
2.2 DOENÇAS PERIODONTAIS EM FELINOS	17
2.3 ESTOMATITE FELINA	19
2.4 NEOPLASIAS ORAIS EM FELINOS	21
2.5 LESÕES TRAUMÁTICAS NA CAVIDADE ORAL	23
2.6 INFLUÊNCIA DA IDADE, RAÇA, SEXO E HÁBITOS DE HIGIENE ORAL	25
3 METODOLOGIA	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	30
4.1 OCORRÊNCIAS DAS AFECÇÕES ORAIS EM FELINOS	30
4.2 PREVALÊNCIA DAS AFECÇÕES ORAIS	31
4.3 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO FELINA ATENDIDA NO HUV/UFPB (2018-2022)	34
4.3.1 Raças	34
4.3.2 Sexo	35
4.3.3 Idade	37
4.3.4 Vacinação e Vermifugação	39
4.3.5 Tratamentos	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

As afecções orais em felinos domésticos representam um desafio crescente na clínica médica veterinária, demandando atenção e investigação aprofundadas (Gioso, 2003). A crescente popularidade dos gatos como animais de companhia (IBGE) exige uma compreensão abrangente das doenças que acometem a cavidade oral, garantindo, assim, uma melhor qualidade de vida para esses animais (Brook *et al.*, 2017). As afecções orais podem manifestar-se de diversas formas, incluindo doenças periodontais, estomatites, neoplasias e lesões traumáticas (Santos *et al.*, 2012), cada qual com suas particularidades e desafios no diagnóstico e tratamento (Alfeld, 2008).

A doença periodontal, uma inflamação persistente que compromete os tecidos de sustentação dos dentes, destaca-se como uma das afecções mais prevalentes em felinos (Santos *et al.*, 2012). Seus impactos negativos na qualidade de vida dos animais são significativos (Logan, 2006), acarretando dor, dificuldade de alimentação, perda de dentes e até mesmo complicações sistêmicas, como infecções cardíacas e renais (Silva *et al.*, 2019). A estomatite felina, por sua vez, caracteriza-se por uma grave inflamação da mucosa oral, causando dor intensa e inapetência (Fugita, 2016), o que pode levar à perda de peso e desidratação.

As neoplasias orais, embora menos frequentes, representam um desafio considerável devido à seu caráter agressivo e potencial metastático (Venturini *et al.*, 2007). O carcinoma de células escamosas, por exemplo, é o tumor maligno mais comum na cavidade oral de felinos, geralmente acometendo a língua, gengiva e tonsilas (Ferro *et al.*, 2003). O diagnóstico precoce e o tratamento adequado são cruciais para o prognóstico do paciente (Diniz, 2024), mas muitas vezes a identificação ocorre de forma tardia, o que limita as opções terapêuticas e impacta negativamente a sobrevida do animal.

Traumas orais também são comuns em felinos, principalmente em animais jovens e ativos, que se envolvem em brincadeiras e explorações. As lesões podem variar desde pequenos cortes e arranhões até fraturas dentárias e maxilares, exigindo intervenção veterinária para garantir a recuperação completa da função oral e prevenir infecções secundárias.

Diante da complexidade e diversidade das afecções orais em felinos, o presente estudo visa analisar a ocorrência dessas doenças em gatos atendidos no

Hospital Universitário Veterinário da UFPB entre 2018 e 2022. O objetivo principal é traçar um perfil epidemiológico das afecções orais mais comuns e correlacionando-os com características como sexo, idade, raça e estado reprodutivo. Espera-se que esta pesquisa agregue saber e amplie o entendimento sobre as afecções orais em felinos, auxiliando na prevenção, diagnóstico precoce e tratamento adequado, promovendo assim a saúde e o bem-estar dos animais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A cavidade oral felina, com suas particularidades anatômicas e fisiológicas, apresenta um sistema complexo que, quando em desequilíbrio, propicia o desenvolvimento de uma variedade de afecções (Gioso, 2003). A crescente convivência entre humanos e felinos, impulsionada pela popularização destes como animais de companhia (IBGE), exige dos médicos veterinários um olhar atento para as doenças orais, garantindo o bem-estar e a longevidade desses animais (Brook *et al.*, 2017).

Doenças periodontais, estomatites, neoplasias e lesões traumáticas figuram entre as principais afecções que acometem a cavidade oral de felinos (Santos *et al.*, 2012). A periodontite, por exemplo, uma inflamação crônica que destrói os tecidos de suporte dos dentes, é altamente prevalente em gatos, causando dor, perda dentária e até mesmo complicações sistêmicas (Silva *et al.*, 2019). Já a estomatite felina, caracterizada por uma inflamação severa da mucosa oral, impacta a qualidade de vida dos animais, levando à inapetência, perda de peso e desidratação (Fugita, 2016).

O presente capítulo visa aprofundar o conhecimento sobre as afecções orais em felinos, abordando desde a anatomia e fisiologia da cavidade oral (Alfeld, 2008), até os aspectos específicos de cada doença, incluindo etiologia, patogenia, sinais clínicos, diagnóstico e tratamento. Serão explorados também os fatores que influenciam a ocorrência dessas afecções, como idade, raça, sexo e hábitos de higiene oral (Duboc, 2009; Fugita, 2016), com o intuito de fornecer subsídios para a prevenção, o diagnóstico precoce e a terapia adequada.

2.1 ANATOMIA E FISIOLOGIA DA CAVIDADE ORAL FELINA

A cavidade oral felina, revestida por mucosa, compreende uma estrutura complexa e especializada, composta por diversos elementos anatômicos que atuam em conjunto para desempenhar funções vitais como apreensão, mastigação, deglutição e, em menor grau, fonação. O conhecimento detalhado dessa anatomia e dos processos fisiológicos a ela relacionados é crucial para a compreensão das

afecções orais que acometem os felinos, permitindo o diagnóstico preciso e a instituição de medidas terapêuticas eficazes (Alfeld, 2008).

A dentição felina, adaptada à sua natureza carnívora, caracteriza-se pela presença de dentes pontiagudos e cortantes, especialmente caninos e pré-molares, que possibilitam a captura e dilaceração de presas. A fórmula dentária permanente dos gatos é $2 (I \ 3/3, C \ 1/1, P \ 3/2, M \ 1/1)$, totalizando 30 dentes. Os incisivos, menores e localizados na porção rostral da boca, são utilizados para apreender e cortar alimentos. Os caninos, longos e afiados, destinam-se à captura e imobilização de presas, enquanto os pré-molares e molares, com suas cúspides pontiagudas, agem na trituração e corte dos alimentos (Gioso, 2003).

As gengivas, tecidos moles que recobrem os processos alveolares e circundam os dentes, desempenham um papel fundamental na saúde oral felina. Elas formam uma barreira protetora contra a invasão de microrganismos, auxiliam na fixação dos dentes e participam do processo de cicatrização após lesões. A língua, órgão muscular recoberto por mucosa especializada, participa da apreensão, manipulação e deglutição dos alimentos, além de atuar na percepção gustativa e na higiene oral. Sua superfície dorsal é revestida por papilas filiformes, cônicas e fungiformes, que conferem a textura áspera característica (Alfeld, 2008).

O palato, que forma o teto da cavidade oral, divide-se em palato duro, ósseo e revestido por mucosa, e palato mole, muscular e flexível. O palato duro separa a cavidade oral da nasal, impedindo a comunicação entre elas durante a deglutição, enquanto o palato mole atua no fechamento da nasofaringe durante a deglutição, direcionando o alimento para o esôfago (Gioso, 2003).

A mastigação, processo mecânico de trituração dos alimentos, inicia-se com a apreensão do alimento pelos dentes incisivos e caninos. Em seguida, o alimento é transferido para os pré-molares e molares, onde é triturado pela ação combinada dos músculos mastigatórios, como o masseter, e temporal e o pterigóideo. A saliva, produzida pelas glândulas salivares, lubrifica os alimentos, simplificando a mastigação e a ingestão, além de iniciar a digestão química dos carboidratos através da enzima amilase (Alfeld, 2008).

A deglutição, processo de condução do alimento da cavidade oral para o estômago, envolve uma série de movimentos coordenados da língua, palato mole e

músculos da faringe e esôfago. A língua impulsiona o bolo alimentar em direção à orofaringe, enquanto o palato mole se eleva, fechando a nasofaringe e impedindo a entrada de alimento nas vias aéreas. A contração sequencial dos músculos da faringe e esôfago conduz o alimento até o estômago (Gioso, 2003).

A microbiota oral felina, composta por uma comunidade diversificada de bactérias, fungos, vírus e protozoários, desempenha um papel essencial na saúde e nas condições patológicas. Em condições de equilíbrio, a microbiota atua na digestão dos alimentos, na proteção contra patógenos e na modulação do sistema imunológico. No entanto, alterações neste equilíbrio, como o aumento da quantidade de bactérias patogênicas, podem levar ao desenvolvimento de doenças periodontais, estomatites e outras afecções orais (Santos *et al.*, 2012).

As particularidades da dentição felina, com dentes braquiodontes (coroa curta e raiz longa) e a ausência de superfícies oclusais amplas, tornam os gatos mais suscetíveis a certos tipos de afecções orais. A reabsorção dentária, por exemplo, uma condição que causa a destruição progressiva dos dentes, é mais comum em felinos do que em outras espécies. A periodontite, inflamação dos tecidos periodontais, também é frequente em gatos, podendo levar à perda de dentes e a complicações sistêmicas (Logan, 2006).

A anatomia da cavidade oral felina também influencia a manifestação de certas doenças. A presença de um frênulo lingual curto, por exemplo, pode dificultar a movimentação da língua e predispor a lesões traumáticas. A localização das glândulas salivares, próximas a estruturas importantes como a mandíbula e a glândula tireoide, torna essas regiões suscetíveis a complicações em casos de inflamação ou infecção (Alfeld, 2008).

A compreensão da anatomia e fisiologia da cavidade oral felina é essencial para a prática clínica, permitindo ao médico veterinário realizar um exame completo e identificar alterações sugestivas de doenças. O conhecimento dos processos fisiológicos relacionados à mastigação, deglutição e saúde oral auxilia na avaliação da função oral e na detecção de anormalidades. A identificação das particularidades da dentição felina e da microbiota oral contribui para o diagnóstico preciso e a escolha do tratamento adequado (Gioso, 2003).

2.2 DOENÇAS PERIODONTAIS EM FELINOS

As doenças periodontais constituem um conjunto de afecções inflamatórias que atingem tecidos significativos de suporte dos dentes, comprometendo a integridade do periodonto, estrutura responsável pela fixação e sustentação dos dentes nos alvéolos dentários. Em felinos, essas doenças representam um problema de saúde bucal significativo, com alta prevalência e impacto no bem-estar dos animais (Santos *et al.*, 2012).

A gengivite, primeira fase da doença periodontal, define-se pela inflamação da gengiva, tecido mole que recobre o osso alveolar e circunda os dentes. Clinicamente, observa-se vermelhidão, edema e sangramento gengival, principalmente durante a mastigação ou manipulação da cavidade oral. A gengivite é geralmente reversível com a remoção dos fatores irritantes e a instituição de medidas de higiene oral adequadas (Brook *et al.*, 2017).

A periodontite, estágio mais avançado da doença periodontal, envolve a progressão da inflamação para os tecidos mais profundos do periodonto, como o ligamento periodontal, cemento e osso alveolar. A destruição desses tecidos leva à formação de compartimentos periodontais, áreas entre a gengiva e o dente que favorecem o acúmulo de placa bacteriana e a progressão da doença. A periodontite pode causar dor, mobilidade dentária, perda de dentes e, em casos graves, infecções que se disseminam para outros órgãos, como coração e rins (Silva *et al.*, 2019).

A etiopatogenia das doenças periodontais é complexa e multifatorial, envolvendo a interação entre a microbiota oral, o sistema imunológico do hospedeiro e fatores predisponentes. A placa bacteriana, biofilme que se acumula na superfície dos dentes, desempenha um papel central no processo inflamatório. As bactérias presentes na placa produzem substâncias tóxicas que irritam a gengiva e desencadeiam uma resposta inflamatória, levando à gengivite (Santos *et al.*, 2012).

Com a progressão da doença, a placa bacteriana mineraliza-se, formando o cálculo dental, depósito duro e aderente que contribui para a irritação gengival e a formação de bolsas periodontais. A dieta, especialmente a alimentação com alimentos úmidos e pegajosos, favorece o acúmulo de placa bacteriana e a progressão da doença periodontal. Outros fatores de risco incluem a idade avançada,

condições de saúde que comprometem o sistema imunológico, como a imunodeficiência felina (FIV) e a leucemia felina (FeLV), e a predisposição racial, com algumas raças, como Persas e Himalaias, apresentando maior suscetibilidade à doença periodontal (Logan, 2006).

Os sinais clínicos das doenças periodontais podem variar conforme a fase da doença e a severidade do quadro. A gengivite manifesta-se por vermelhidão, edema e sangramento gengival, enquanto a periodontite pode causar halitose, dificuldade de mastigação, perda de apetite, salivação excessiva, mobilidade dentária e perda de dentes. Em casos graves, podem ocorrer abscessos periodontais, infecções que se disseminam para os tecidos adjacentes, causando dor e inchaço facial (Brook *et al.*, 2017).

O diagnóstico das doenças periodontais baseia-se no exame clínico da cavidade oral, incluindo a inspeção visual, palpação gengival e sondagem periodontal. A sondagem periodontal, realizada com uma sonda milimetrada, permite avaliar a profundidade das bolsas periodontais, indicando a gravidade da periodontite. A radiografia intraoral é um exame complementar importante para avaliar a perda óssea alveolar, um dos principais marcadores da evolução da doença periodontal (Alfeld, 2008).

O tratamento das doenças periodontais visa controlar a inflamação, remover a placa bacteriana e o cálculo dental, e promover a regeneração dos tecidos periodontais. A profilaxia dentária profissional, que inclui a remoção do cálculo dental e o polimento dos dentes, é o procedimento inicial para o tratamento da gengivite e da periodontite. Em casos de periodontite moderada a grave, pode ser necessária a raspagem subgengival, procedimento que remove a placa bacteriana e o cálculo dental abaixo da linha da gengiva (Brook *et al.*, 2017).

A extração dentária pode ser indicada em casos de dentes com mobilidade grave, perda óssea extensa ou infecções que não respondem ao tratamento. Após o tratamento periodontal, é fundamental a instituição de medidas de higiene oral domiciliar, como a escovação dentária diária e o uso de produtos específicos para saúde oral felina, para prevenir a recorrência da doença (Gioso, 2003).

A prevenção das doenças periodontais inicia-se na fase de filhote, com a educação dos tutores sobre a importância da higiene oral e o estabelecimento de

uma rotina de cuidados bucais. A escovação dentária diária, com escovas e pastas de dente específicas para gatos, é a medida mais competente para eliminar a placa bacteriana e impedir o acúmulo de cálculo dental (Caribe *et al.*, 2016).

O fornecimento de dietas balanceadas, com textura e composição adequadas, também contribui para a saúde oral felina. Dietas secas, que exigem maior mastigação, auxiliam na remoção mecânica da placa bacteriana, enquanto dietas úmidas e pegajosas favorecem o acúmulo de placa e a progressão da doença periodontal (Logan, 2006).

2.3 ESTOMATITE FELINA

A estomatite felina, também conhecida como Complexo Gengivite Estomatite Felina (CGEF) ou Doença Inflamatória Oral Felina (DIOF), representa uma condição desafiadora e frustrante tanto para os clínicos veterinários quanto para os tutores de gatos. Caracteriza-se por uma inflamação crônica e grave da mucosa oral, comumente afetando as gengivas, a mucosa bucal, a língua e a orofaringe. A natureza complexa e multifatorial dessa doença exige uma abordagem abrangente e individualizada para o seu manejo (Fugita, 2016).

Embora não exista uma classificação universalmente aceita para a estomatite felina, alguns autores a categorizam em diferentes graus conforme a gravidade das lesões e a extensão do envolvimento da mucosa oral. O grau 1 caracteriza-se por gengivite leve a moderada, enquanto o grau 2 apresenta inflamação mais intensa, com ulcerações e áreas de erosão na mucosa oral. Nos graus 3 e 4, as lesões são mais extensas e severas, com presença de proliferação tecidual e, em alguns casos, envolvimento de estruturas adjacentes, como a faringe e a laringe (Lopes, 2023).

A etiopatogenia da estomatite felina ainda não é completamente elucidada, mas acredita-se que seja multifatorial, envolvendo a interação de diversos fatores, como predisposição genética, infecções virais e bacterianas, alterações na resposta imunológica e fatores ambientais. Estudos demonstram uma forte associação entre a estomatite felina e a presença de certos vírus, como o Calicivírus Felino (FCV), o Herpesvírus Felino 1 (FHV-1), o Vírus da Leucemia Felina (FeLV). e o Vírus da Imunodeficiência Felina (FIV) (Silva *et al.*, 2019).

A microbiota oral também exerce uma função significativa na patogênese da estomatite felina, com evidências de um desequilíbrio na composição bacteriana em gatos afetados. Alterações na resposta imunológica, como a hipersensibilidade a antígenos bacterianos e a produção excessiva de citocinas pró-inflamatórias, contribuem para a perpetuação do processo inflamatório crônico. Fatores ambientais, como o estresse e a exposição a alérgenos, também podem induzir o crescimento e a evolução da doença (Gioso, 2003).

Os sinais clínicos da estomatite felina variam em intensidade, mas geralmente incluem dor oral, dificuldade de preensão e mastigação dos alimentos, salivação excessiva, halitose, perda de peso e letargia. Em casos graves, os gatos podem apresentar anorexia, desidratação e dificuldade respiratória devido ao envolvimento da faringe e laringe. O exame físico revela inflamação intensa da mucosa oral, com áreas de vermelhidão, edema, ulceração e sangramento (Fugita, 2016).

O diagnóstico da estomatite felina baseia-se na história clínica, nos sinais clínicos e no exame físico da cavidade oral. Exames complementares, como radiografias intraorais, biópsias e culturas bacterianas, podem auxiliar na confirmação do diagnóstico e na identificação de possíveis causas subjacentes. O diagnóstico diferencial inclui outras doenças que podem causar inflamação oral, como doenças periodontais, infecções fúngicas, doenças autoimunes e neoplasias (Lopes, 2023).

O tratamento da estomatite felina é desafiador e frequentemente requer uma abordagem multimodal, combinando diferentes estratégias terapêuticas para controlar a inflamação, aliviar a dor e melhorar a qualidade de vida do animal. O tratamento medicamentoso geralmente inclui o uso de antibióticos para controlar infecções bacterianas secundárias, anti-inflamatórios para reduzir a inflamação e analgésicos para o controle da dor (Gioso, 2003).

Em alguns casos, podem ser utilizados imunomoduladores ou imunossupressores para modular a resposta imunológica e controlar a inflamação crônica. A terapia antiviral pode ser considerada em casos de suspeita de infecção viral, como FCV ou FHV-1. A extração dentária total ou parcial é uma opção terapêutica em casos de doença periodontal concomitante ou quando o tratamento medicamentoso não é eficaz (Fugita, 2016).

A intervenção cirúrgica, embora invasiva, pode proporcionar conforto significativo da dor e melhora do bem-estar em gatos com estomatite felina refratária ao tratamento medicamentoso. Estudos demonstram que a extração dentária total, com remoção de todos os dentes e raízes, pode levar à remissão completa ou parcial da doença em uma proporção significativa de gatos (Lopes, 2023).

A escolha do tratamento adequado deve ser individualizada, considerando a gravidade da doença, a presença de comorbidades, o estado geral do paciente e as preferências do tutor. O acompanhamento veterinário regular é essencial para monitorar a resposta ao tratamento, ajustar as medidas terapêuticas e prevenir recidivas (Gioso, 2003).

2.4 NEOPLASIAS ORAIS EM FELINOS

As neoplasias orais em felinos, apesar de menos prevalentes que outras afecções como as doenças periodontais, representam um desafio significativo para clínicos veterinários, devido à sua natureza invasiva, potencial metastático e impacto na qualidade de vida dos animais. O diagnóstico precoce e a instituição de tratamento adequado são cruciais para o prognóstico do paciente, mas a agressividade e a localização anatômica de alguns tumores podem limitar as opções terapêuticas e comprometer a sobrevida (Venturini *et al.*, 2007).

Entre os diversos tipos de neoplasia orais que acometem os felinos, o carcinoma de células escamosas (CCE) destaca-se como o mais frequente, representando cerca de 60% a 70% dos casos (Ferro *et al.*, 2003). Esse tumor maligno, originário do epitélio escamoso que reveste a cavidade oral, apresenta comportamento infiltrativo local, com alta taxa de metástase para linfonodos regionais e, em estágios avançados, para pulmões e outros órgãos (Bioni, 2018; Santos *et al.*, 2018). Outras neoplasias orais em gatos incluem o fibrossarcoma, tumor maligno de origem mesenquimal, e o melanoma maligno, originário dos melanócitos, células produtoras de pigmento. Estudos indicam que o fibrossarcoma representa aproximadamente 10% a 20% dos tumores orais em felinos, enquanto o melanoma maligno é menos comum, com incidência em torno de 5% a 10% (Venturini *et al.*, 2007).

Tumores odontogênicos, como o ameloblastoma e o odontoma, embora raros, também podem ser encontrados na cavidade oral de felinos. O ameloblastoma, tumor benigno originário do epitélio odontogênico, caracteriza-se por crescimento lento e localmente invasivo, podendo causar deformidades faciais. O odontoma, uma malformação hamartomatosa benigna, consiste em uma massa desorganizada de tecidos dentários, como esmalte, dentina e cimento (Stanczyk *et al.*, 2024).

A etiologia das neoplasias orais em felinos é multifatorial, com diversos fatores predisponentes associados ao desenvolvimento desses tumores. A exposição a carcinógenos ambientais, como o fumo passivo e pesticidas, tem sido implicada no aumento do risco de CCE em gatos (Silva *et al.*, 2023). A inflamação crônica, como a observada na estomatite felina e nas doenças periodontais, também pode contribuir para a transformação neoplásica das células da mucosa oral (Passos *et al.*, 2024). Infecções virais, como a causada pelo Papilomavírus Felino (FPV), têm sido vinculadas ao surgimento de CCE em gatos, embora a relação causal ainda não esteja completamente estabelecida (Sicchieri *et al.*, 2023).

A progressão das neoplasias orais em felinos varia de acordo com o tipo histológico, a localização do tumor e a presença de metástases. O CCE, por exemplo, tende a apresentar crescimento rápido e infiltrativo, com metástase precoce para linfonodos regionais (Diniz, 2024). O fibrossarcoma, por sua vez, pode apresentar comportamento variável, com alguns tumores exibindo crescimento lento e outros com alta taxa de recorrência e metástase (Campos *et al.*, 2024). O melanoma maligno, quando localizado na cavidade oral, apresenta prognóstico reservado, com alta taxa de metástase e baixa sobrevida (Venturini *et al.*, 2007).

Os sinais clínicos das neoplasias orais em felinos podem ser inespecíficos no início da doença, simulando outras afecções orais. Massas ou nódulos na cavidade oral, úlceras, sangramento, halitose, dificuldade de preensão e mastigação dos alimentos, salivação excessiva e perda de peso são alguns dos sinais clínicos que podem estar presentes (Gioso, 2003). Em estágios avançados, o tumor pode causar deformidades faciais, dificuldade respiratória e disfagia (Passos *et al.*, 2024). A localização do tumor influencia os sinais clínicos, com tumores linfáticos causando dificuldade de alimentação e fala, enquanto tumores mandibulares e maxilares podem levar a fraturas patológicas e deformidades faciais.

O diagnóstico das neoplasias orais em felinos baseia-se na integração de histórico clínico, avaliação física, exames de imagem e análise histopatológica. O exame físico da cavidade oral, realizado sob sedação ou anestesia geral, permite a inspeção detalhada da mucosa oral, palpação de massas e avaliação de estruturas adjacentes (Alfeld, 2008). Radiografias intraorais e extraorais auxiliam na avaliação da extensão do tumor, envolvimento ósseo e presença de metástases regionais (Gioso, 2003). Tomografia computadorizada (TC) e ressonância magnética (RM) podem ser utilizadas para melhor delimitação do tumor e avaliação de metástases a distância.

A biópsia, com coleta de fragmento tecidual para análise histopatológica, é o método definitivo para o diagnóstico das neoplasias orais (Diniz, 2024). A citologia aspirativa por agulha fina (CAAF) consegue ser aplicada como método auxiliar no diagnóstico, porém a confirmação histopatológica é essencial para a classificação do tumor e definição do tratamento (Gioso, 2003). O estadiamento do tumor, que avalia a extensão da doença e a presença de metástases, é crucial para o planejamento terapêutico e definição do prognóstico. O sistema de estadiamento mais utilizado para o CCE em felinos é o Sistema de Estadiamento TNM, que categoriza o tumor com base em sua dimensão (T), comprometimento de linfonodos regionais (N), e evidências de metástases a distância (M).

2.5 LESÕES TRAUMÁTICAS NA CAVIDADE ORAL

As lesões traumáticas na cavidade oral em felinos representam uma ocorrência frequente na clínica veterinária, podendo resultar em danos significativos aos tecidos orais e comprometer a função mastigatória, a deglutição e o bem-estar geral do animal. A natureza curiosa e exploratória dos gatos, aliada à sua agilidade e capacidade de escalar, os torna suscetíveis a diversos tipos de acidentes que podem resultar em traumas orais (Zhang *et al.*, 2019).

As causas mais comuns de trauma oral em felinos incluem quedas de lugares altos, acidentes com veículos automotores, brigas com outros animais, mordidas, ingestão de objetos estranhos e traumas durante as brincadeiras. Estudos demonstram que as quedas de apartamentos, conhecidas como "síndrome do paraquedista", são responsáveis por uma parcela significativa dos atendimentos de

gatos com trauma oral em centros urbanos (Merbl *et al.*, 2013). Acidentes com veículos automotores também representam uma causa importante de trauma oral em felinos, com lesões que podem variar desde fraturas dentárias até fraturas de mandíbula e maxilar (Soukup *et al.*, 2013).

As brigas com outros animais, sejam cães, gatos ou animais selvagens, podem resultar em ferimentos penetrantes, lacerações e avulsões dentárias. A ingestão de objetos estranhos, como agulhas, ossos e brinquedos, pode causar perfurações, lacerações e obstruções no trato gastrointestinal, com potencial para causar complicações graves (Quessada *et al.*, 2007). Traumas durante brincadeiras, como mordidas acidentais durante interações com humanos ou outros animais, também podem causar lesões na cavidade oral.

Os tipos de lesões traumáticas na cavidade oral em felinos são diversos e variam de acordo com a intensidade e o mecanismo do trauma. Fraturas dentárias, desde pequenas lascas até fraturas complexas que expõem a polpa dentária, são comuns em traumas orais (Toure *et al.*, 2003). Lacerações, ferimentos cortantes que podem acometer a língua, gengiva, palato e lábios, também são frequentes, podendo causar sangramento e dor. Avulsões dentárias, ou seja, a perda completa do dente do seu alvéolo, podem ocorrer em traumas mais graves, especialmente em dentes incisivos e caninos (Slatter, 2007).

Outras lesões traumáticas incluem fraturas de mandíbula e maxila, luxação da articulação temporomandibular (ATM), lesões na glândula salivar e lesões nos tecidos moles da cavidade oral, como hematomas e equimoses. Em casos graves, o trauma oral pode levar a comprometimento das vias aéreas, dificuldade respiratória e choque hipovolêmico.

Os primeiros socorros em casos de trauma oral em felinos são essenciais para estabilizar o paciente e prevenir complicações. Se houver sangramento ativo, a aplicação de pressão direta no local com gaze ou pano limpo pode auxiliar no controle da hemorragia (Quessada *et al.*, 2007). Em casos de dificuldade respiratória, é fundamental garantir a permeabilidade das vias aéreas, removendo corpos estranhos ou sangue da boca e faringe (Slatter, 2007). O transporte imediato para um hospital veterinário é crucial para a avaliação completa do paciente e a instituição do tratamento adequado.

O tratamento das lesões traumáticas na cavidade oral em felinos varia conforme a espécie e a gravidade da lesão. Fraturas dentárias podem ser tratadas com restaurações, tratamento endodôntico ou extração dentária, dependendo da extensão do dano (Toure *et al.*, 2003). Lacerações podem ser suturadas para promover a cicatrização e prevenir infecções. Avulsões dentárias, se tratadas precocemente, podem ser implantadas, mas em muitos casos a extração dentária é necessária (Slatter, 2007).

Fraturas de mandíbula e maxila geralmente requerem tratamento cirúrgico para estabilizar os ossos e promover a consolidação óssea. Luxações da ATM podem ser reduzidas manualmente ou cirurgicamente, dependendo da gravidade do caso. Lesões na glândula salivar podem ser tratadas com medicamentos ou cirurgia, enquanto lesões nos tecidos moles geralmente cicatrizam com cuidados básicos de higiene e repouso.

A prevenção de traumas orais em gatos envolve medidas para reduzir os riscos de acidentes e garantir a segurança do animal. Manter o gato em ambiente seguro, com telas nas janelas e varandas, evita quedas de lugares altos (Merbl *et al.*, 2013). A supervisão durante brincadeiras e interações com outros animais previne mordidas e outros traumas (Soukup *et al.*, 2013). Evitar o acesso a objetos estranhos, como fios, agulhas e brinquedos pequenos, reduz o risco de ingestão e lesões na cavidade oral.

2.6 INFLUÊNCIA DA IDADE, RAÇA, SEXO E HÁBITOS DE HIGIENE ORAL

As afecções orais em felinos são influenciadas por uma série de fatores internos e externos, dentre os quais a idade, a raça, o sexo e os hábitos de higiene oral desempenham um papel crucial. Compreender a interação desses fatores contribui para a identificação de grupos de risco, implementação de ações preventivas e a implementação de estratégias de manejo adequadas para cada paciente (Fugita, 2016).

A idade exerce influência significativa na prevalência e na gravidade das afecções orais em felinos. Gatos jovens, com sistema imunológico em desenvolvimento, são mais suscetíveis a infecções virais e bacterianas, como a

estomatite felina e a gengivite (Gioso, 2003). Com o avançar da idade, a incidência de doenças periodontais aumenta, com estudos demonstrando que mais de 85% dos gatos acima de 3 anos de idade apresentam algum grau de doença periodontal (American Veterinary Dental College, 2019). Em felinos idosos, a reabsorção dentária torna-se mais frequente, podendo levar à perda de dentes e comprometer a função mastigatória (Lund *et al.*, 1998).

A predisposição racial a certas afecções orais em felinos é um aspecto relevante a ser considerado. Raças braquicefálicas, como Persas e Himalaias, apresentam maior risco de desenvolver problemas odontológicos, devido à conformação anatômica da sua cavidade oral, com apinhamento dentário e maloclusão, que favorecem o acúmulo de placa bacteriana e o desenvolvimento de doença periodontal (Brook *et al.*, 2017). Siameses e Abissínios demonstram maior suscetibilidade à reabsorção dentária, enquanto gatos domésticos de pelo curto (SRD) apresentam menor prevalência dessa condição (Lund *et al.*, 1998). A estomatite felina também parece afetar com maior frequência certas raças, como Persas, Siameses e Maine Coon (Verstraete *et al.*, 2010).

Embora algumas afecções orais possam afetar machos e fêmeas com frequência semelhante, estudos sugerem que gatos machos não castrados apresentam maior risco de desenvolver estomatite felina (Verstraete *et al.*, 2010). Essa associação pode estar relacionada a fatores hormonais e comportamentais, como a maior tendência a brigas e ferimentos na cavidade oral em machos não castrados (Gioso, 2003).

Os hábitos de higiene oral desempenham um papel fundamental na prevenção de afecções orais em felinos. A escovação dentária regular, com escova e pasta de dente específicas para gatos, remove a placa bacteriana, principal agente causal da doença periodontal, e previne o acúmulo de cálculo dental (Caribe *et al.*, 2016). Estudos demonstram que a escovação dentária diária reduz significativamente a incidência de gengivite e periodontite em gatos (American Veterinary Dental College, 2019). O uso de brinquedos e petiscos dentais também auxilia na remoção mecânica da placa bacteriana e promove a saúde oral (Duboc, 2009).

A alimentação também influencia a saúde oral felina. Dietas úmidas e pegajosas favorecem o acúmulo de placa bacteriana e o desenvolvimento de doença periodontal, enquanto dietas secas, que requerem maior mastigação, promovem a remoção mecânica da placa e contribuem para a saúde oral (Logan, 2006). A adição de substâncias antibacterianas e enzimas à formulação de algumas dietas também auxilia no controle da placa bacteriana e na prevenção de doenças periodontais.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, que visa analisar a ocorrência de afecções orais em felinos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da Universidade Federal da Paraíba (HUV/UFPB), caracteriza-se como um estudo retrospectivo, conforme definido por Marconi e Lakatos (2003) como uma investigação que se debruça sobre dados preexistentes, permitindo a análise de eventos já ocorridos. Essa abordagem metodológica, frequentemente empregada em estudos epidemiológicos na área da saúde, mostra-se adequada para traçar um panorama temporal da ocorrência de doenças e identificar potenciais fatores de risco.

A população de estudo abrangeu todos os gatos (*Felis catus*) atendidos no HUV/UFPB no período de 2018 a 2022, independentemente do motivo da consulta. A escolha por essa população justifica-se pela disponibilidade de dados e pela possibilidade de obter uma amostra representativa das afecções orais em felinos atendidos em um Hospital Veterinário Universitário (Yin, 2015). A coleta de dados foi realizada por meio da análise de prontuários médicos armazenados no sistema de registro do hospital, uma fonte rica em informações clínicas e epidemiológicas.

Para garantir a qualidade e a confiabilidade dos dados, foram estabelecidos critérios rigorosos de inclusão e exclusão dos prontuários, conforme recomendado por Yin (2015). Foram incluídos no estudo os prontuários de gatos que apresentaram, durante o período de análise, pelo menos um diagnóstico confirmado de afecção oral, seja como motivo principal da consulta ou como achado incidental durante o exame clínico. Essa estratégia visa garantir a homogeneidade da amostra e a validade dos resultados.

Os critérios de exclusão compreenderam prontuários com informações incompletas ou inconsistentes sobre as variáveis de interesse, como dados demográficos do animal, histórico clínico, exames complementares e diagnóstico. Prontuários de gatos submetidos a procedimentos odontológicos eletivos, como profilaxia dentária, também foram excluídos, uma vez que o foco da pesquisa reside na investigação de afecções orais preexistentes (Yin, 2015).

A coleta de dados foi realizada de forma sistematizada, utilizando-se um instrumento padronizado elaborado especificamente para este estudo, seguindo as

recomendações de Marconi e Lakatos (2003) para a construção de instrumentos de coleta de dados. O instrumento continha campos para registro de informações relevantes extraídas dos prontuários, tais como:

- Dados demográficos: idade, sexo, raça, estado reprodutivo (castrado ou não castrado).
- Histórico clínico: queixa principal, tempo de evolução dos sinais clínicos, presença de doenças concomitantes.
- Exames complementares: radiografias intra orais, exames laboratoriais, biópsias.
- Diagnóstico: tipo de afecção oral, classificação da doença periodontal (se aplicável), estadiamento de neoplasias (se aplicável).
- Tratamento: modalidades terapêuticas empregadas (medicamentoso, cirúrgico, etc.).

As informações coletadas foram organizadas e armazenadas em uma planilha eletrônica (Microsoft Excel), permitindo a construção de um banco de dados completo e estruturado, conforme sugerido por Marconi e Lakatos (2003). A análise dos dados foi realizada com o auxílio de ferramentas de estatística descritiva, como frequências absolutas e relativas, médias, desvios padrão e medianas, para caracterizar o perfil das afecções orais na população estudada. A apresentação dos resultados foi realizada por meio de tabelas e gráficos construídos a partir da planilha eletrônica, visando a clareza e a concisão na exposição dos achados da pesquisa. A discussão dos resultados foi realizada com base na literatura consultada, buscando contextualizar os achados e comparar os resultados com outros estudos na área.

É importante reconhecer, conforme apontado por Yin (2015), que a presente pesquisa, por se tratar de um estudo retrospectivo, apresenta limitações inerentes à modalidade de pesquisa, como a possibilidade de vieses de seleção e informação. No entanto, os critérios rigorosos de inclusão e exclusão dos prontuários e a análise criteriosa dos dados visam minimizar esses vieses e garantir a confiabilidade dos resultados.

Vale salientar que a confidencialidade dos dados dos pacientes foi preservada, com a utilização de códigos numéricos para identificação dos prontuários, garantindo o anonimato dos animais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 OCORRÊNCIA DAS AFECÇÕES ORAIS EM FELINOS

Os dados coletados revelaram um total de 478 felinos que apresentaram pelo menos uma afecção oral diagnosticada no HUV/UFPB durante o período de estudo (2018-2022), o que representa 16,9% do total de 2827 gatos atendidos. A Tabela 1 apresenta a distribuição das afecções orais de acordo com o ano de diagnóstico.

Tabela 1 - Distribuição das afecções orais dos felinos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB por ano de diagnóstico (2018-2022).

Ano	2018	2019	2020	2021	2022	TOTAL (734)
Doença Periodontal (gingivite, cálculo dentário, perda dentária, retração gengival, periodontite e placa bacteriana)	196	143	31	63	109	542
Fratura Dentária	14	15	2	9	14	54
Complexo Gingivite Estomatite Felina	16	10	2	11	11	50
Úlceras	5	8	3	4	13	33
Disjunção/ Fratura Sínfese	4	7	6	6	9	32
Fratura Mandibular	8	6	2	4	3	23

Fonte: resultados da pesquisa (2024)

A análise da Tabela 1 demonstra uma variação na frequência das afecções orais ao longo dos anos, com um pico de casos em 2018 (219 casos), seguido por uma redução em 2019 (162 casos) e uma queda acentuada em 2020 (42 casos). Essa redução no número de casos em 2020 pode estar relacionada à pandemia de COVID-19, que impactou o acesso aos serviços veterinários e modificou a rotina de atendimento do HUV/UFPB. Nos anos subsequentes, observou-se um crescimento no número de casos, com 88 casos em 2021 e 142 casos em 2022, sugerindo uma retomada da demanda por atendimento odontológico veterinário. No total foram diagnosticados, ao longo dos 5 anos, 734 afecções orais, pois houveram animais que possuíram mais de uma afecção concomitante.

4.2 PREVALÊNCIA DAS AFECÇÕES ORAIS

A Tabela 2 ilustra a prevalência das diferentes afecções orais diagnosticadas no período de estudo. A doença periodontal destaca-se como a afecção mais prevalente, acometendo 181 gatos (22%), seguida pela gengivite, com 155 casos (19%), e pelo cálculo dentário/tártaro, com 99 casos (12%). O Complexo Gengivite Estomatite Felina (CGEF) foi diagnosticado em 50 gatos (6%), enquanto a perda dentária e a fratura dentária foram observadas em 68 (8%) e 54 (7%) gatos, respectivamente.

A alta prevalência de doença periodontal observada neste estudo corrobora achados de pesquisas anteriores, que apontam essa afecção como uma das mais importantes em relação a problemas de saúde oral em felinos (Santos *et al.*, 2012; Silva *et al.*, 2019). A doença periodontal, como uma inflamação severa que afeta os tecidos de suporte dos dentes, pode causar dor, dificuldade de alimentação, perda de dentes e até mesmo complicações sistêmicas, como infecções cardíacas e renais (Brook *et al.*, 2017).

Pesquisas em diferentes populações de felinos têm revelado dados semelhantes de doença periodontal. Por exemplo, um estudo realizado nos Estados Unidos com 3.331 gatos encontrou uma prevalência de 70% de doença periodontal em gatos com 3 anos ou mais (American Veterinary Dental College, 2019). Essa alta prevalência ressalta a importância da prevenção e do diagnóstico precoce da

doença periodontal, por meio da implementação de medidas de higiene oral domiciliar e do acompanhamento odontológico veterinário regular.

Tabela 2 - Lista de Distribuição/divisão das afecções orais em felinos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB por diagnóstico (2018-2022).

Afecções	Total de Casos	(%)	Afecções	Total de Casos	(%)
Abcesso Dentário	3	>1%	Fratura Dentária	54	7%
Abcesso Mandibular	1	>1%	Fratura Mandibular	23	3%
Avulsão dos Lábios	5	>1%	Fratura Maxilar	3	>1%
Cálculo Dentário	99	12%	Gengivite	155	19%
Complexo Granuloma Eosinofílico	7	>1%	Hiperplasia Gengival	2	>1%
Complexo Gengivite Estomatite Felina	57	7%	Laceração de Língua	7	>1%
Disjunção de Maxila	1	>1%	Lesão de Reabsorção Dentária	8	>1%
Disjunção/Fratura Sínfise	32	4%	Luxação ATM	3	>1%
Doença Periodontal	181	22%	Neoplasia	1	>1%
Estomatite	7	>1%	Perda Dentária	68	8%
Exposição Alveolar	3	>1%	Periodontite	13	2%
Exposição de Raiz	8	>1%	Placa Bacteriana	11	1%
Fenda Labial	1	>1%	Prognatismo	1	>1%
Fenda Palatina	4	>1%	Retração gengival	16	2%
Fístula dentária	1	>1%	Úlceras	33	4%
Fístula Oronasal	1	>1%			

Fonte: resultados da pesquisa (2024)

A gengivite, estágio inicial da doença periodontal, também apresentou alta prevalência (19%) neste estudo, o que reforça a importância da prevenção e do diagnóstico precoce desta afecção (Caribe *et al.*, 2016). A implementação de medidas de higiene oral domiciliar, como a escovação dentária e o uso de produtos

específicos para saúde oral felina, desempenha um papel importante na prevenção da gengivite e da progressão para a periodontite.

A alta prevalência de gengivite e doença periodontal observada neste estudo pode estar relacionada à baixa frequência de prática de higiene oral domiciliar na população estudada. De acordo com o estudo de Duboc (2009), a maioria dos tutores de cães e gatos não realiza a escovação dentária regularmente em seus animais, o que contribui para o acúmulo de placa bacteriana e o desenvolvimento de doenças periodontais.

O CGEF, uma doença inflamatória crônica e dolorosa que afeta a mucosa oral, foi diagnosticado em 7% dos gatos neste estudo. Essa afecção, caracterizada por inflamação grave e ulcerações na cavidade oral, representa um desafio terapêutico, com tratamento frequentemente prolongado e resultados variáveis (Fugita, 2016).

As causas do CGEF são multifatoriais, envolvendo fatores infecciosos, imunológicos e ambientais (Hawkins *et al.*, 2015). Estudos têm demonstrado associação entre o CGEF e a presença de vírus, como o calicivírus felino (FCV) e o herpesvírus felino 1 (FHV-1), bem como com alterações na microbiota oral e na resposta imunológica. (Verstraete *et al.*, 2010). O tratamento de eleição para o CGEF é a extração parcial ou total dos dentes (Santos, 2014), embora também sejam utilizados medicamentos imunossupressores ou imunomoduladores, antibióticos e analgésicos (Hawkins *et al.*, 2015).

A lesão de reabsorção dentária é uma afecção, que apesar de ter tido apenas 8 casos neste estudo (Tabela 2), é subdiagnosticada. De acordo com Bellows (2009) cerca de 20 a 75% dos felinos adultos podem ser acometidos com este tipo de lesão, no entanto, como o seu diagnóstico é realizado apenas através da radiografia intraoral, muitas vezes ela não é identificada.

Outras afecções orais identificadas neste estudo, embora menos prevalentes, também merecem atenção, pois podem causar dor, desconforto e comprometer a qualidade de vida dos felinos. A perda dentária, seja por trauma, doença periodontal ou reabsorção dentária, pode comprometer a função mastigatória e a nutrição do animal (Gioso, 2003). A fratura dentária, comumente associada a traumas, requer intervenção odontológica para restaurar a função do dente e prevenir infecções.

(Hawkins *et al.*, 2015). A disjunção/fratura da sínfise mandibular, uma separação dos ossos mandibulares na linha média, também pode ocorrer por trauma e geralmente requer tratamento cirúrgico para estabilizar a mandíbula.

É essencial que médicos veterinários estejam atentos à diversidade de afecções orais que podem acometer os felinos, realizando o exame completo da cavidade oral e investigando as possíveis causas de alterações observadas. O diagnóstico precoce e o tratamento correto das afecções orais são fundamentais para prevenir complicações, garantir o bem-estar dos animais e manter a sua qualidade de vida.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO FELINA ATENDIDA NO HUV/UFPB (2018-2022)

Antes de analisarmos a ocorrência das afecções orais, é crucial descrever as características da população felina atendida no HUV/UFPB durante o período de estudo. Essa caracterização nos permitirá contextualizar os achados sobre as doenças orais e identificar potenciais fatores de risco ou proteção.

4.3.1 Raças

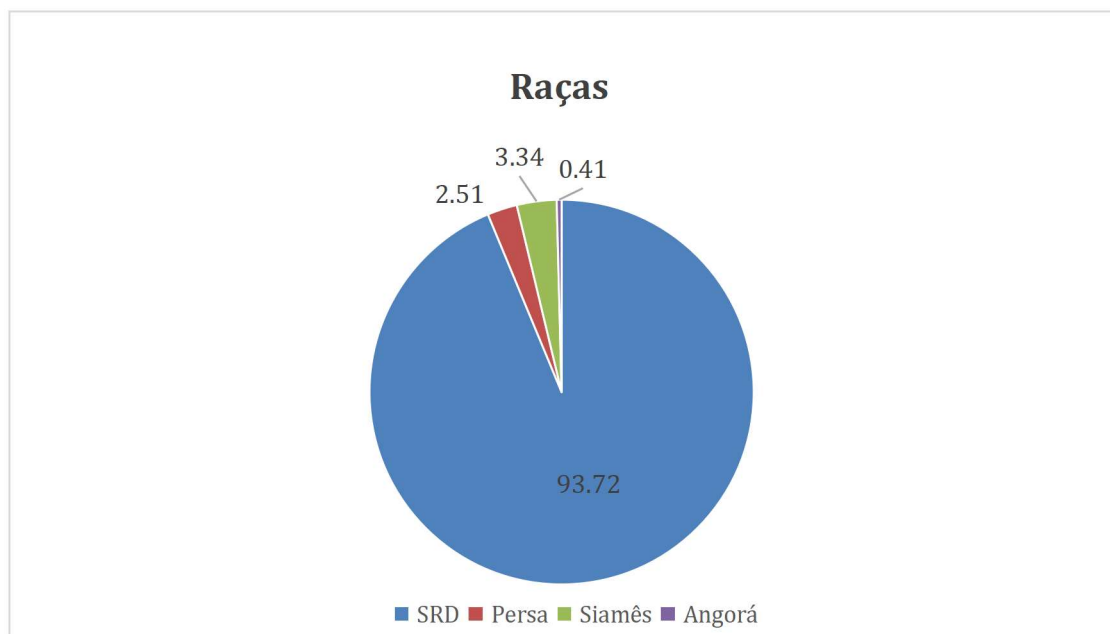
A grande maioria dos gatos atendidos no HUV/UFPB (93,72%) era Sem Raça Definida (SRD; Figura1). Essa predominância de SRD é consistente com o perfil da população felina no Brasil, onde a maioria dos gatos são mestiços ou sem raça definida (IBGE, 2013).

As raças Persa e Siamês representaram, respectivamente, 2,51% e 3,34% dos atendimentos, enquanto a raça Angorá foi a menos frequente, com apenas 0,41% dos casos (Figura 1). A baixa representatividade de raças puras no HV/UFPB é devido haver uma maior popularidade de gatos SRD na região, o acesso diferenciado aos serviços veterinários por parte de tutores de gatos de raça e a própria distribuição das raças na população felina da Paraíba.

É importante destacar que a raça pode influenciar a predisposição a certas afecções orais. Raças braquicefálicas, como a Persa, apresentam conformação anatômica da cavidade oral que favorece o apinhamento dentário e a maloclusão,

predispondo ao acúmulo de placa bacteriana e ao desenvolvimento de doença periodontal (Brook *et al.*, 2017). No presente estudo, a baixa frequência de gatos persas limita a análise da influência dessa raça nas afecções orais observadas. Entretanto, em estudos com maior número de gatos de raça, a análise da influência da raça na ocorrência de doenças orais pode ser mais explícita.

Figura 1 - Raças dos felinos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB (2018-2022).



Fonte: resultados da pesquisa (2024)

A predominância de gatos SRD neste estudo reflete a realidade da população felina brasileira e ressalta a importância de incluir esses animais em pesquisas sobre saúde oral. A análise das afecções orais em gatos SRD permite uma melhor compreensão da saúde bucal dessa população contribuindo, assim, para tratamentos mais eficientes e melhores métodos de prevenção.

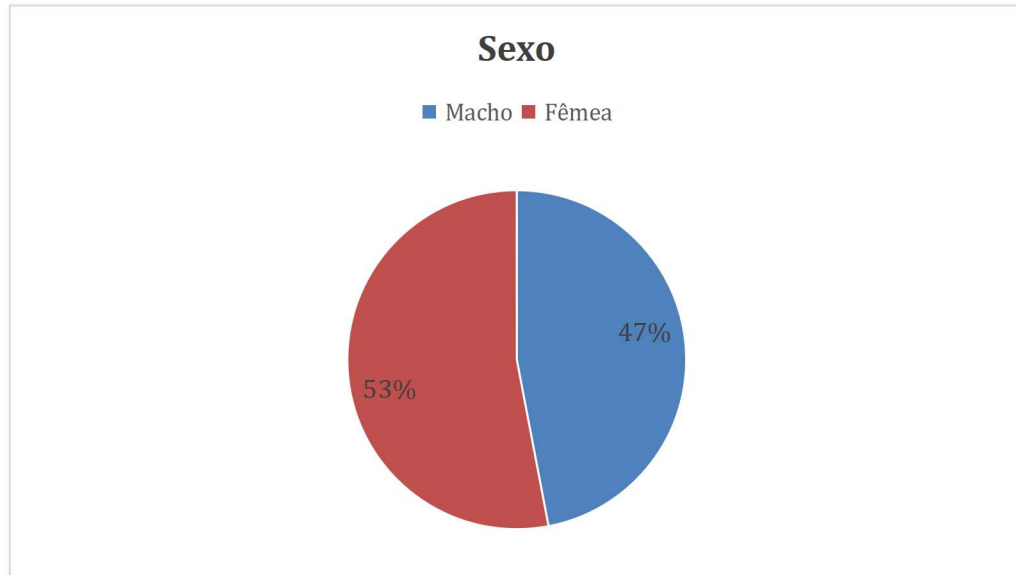
4.3.2 Sexo

Dos 478 gatos avaliados no estudo, 225 (47%) eram machos e 253 (53%) eram fêmeas (Figura 2). A proporção de machos e fêmeas na população estudada é similar à observada em outros estudos com gatos domésticos, como o de Fugita

(2016), que encontrou 56% de machos e 42,6% de fêmeas. Essa distribuição relativamente equilibrada entre os sexos sugere que não há uma grande diferença na frequência de atendimentos veterinários entre gatos machos e fêmeas.

Embora o sexo não pareça influenciar a probabilidade de um gato ser atendido em um hospital veterinário, alguns estudos indicam que o sexo pode desempenhar um papel na predisposição a certas afecções orais (Gioso, 2003), por exemplo, gatos machos não castrados podem apresentar maior risco de desenvolver estomatite felina, possivelmente devido a fatores hormonais e comportamentais, como a maior tendência a brigas e ferimentos na cavidade oral (Verstraete *et al.*, 2010), o presente estudo, dos animais que apresentaram a GECE, 56,14% eram machos.

Figura 2 – Sexo dos felinos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB (2018-2022).



Fonte: resultados da pesquisa (2024)

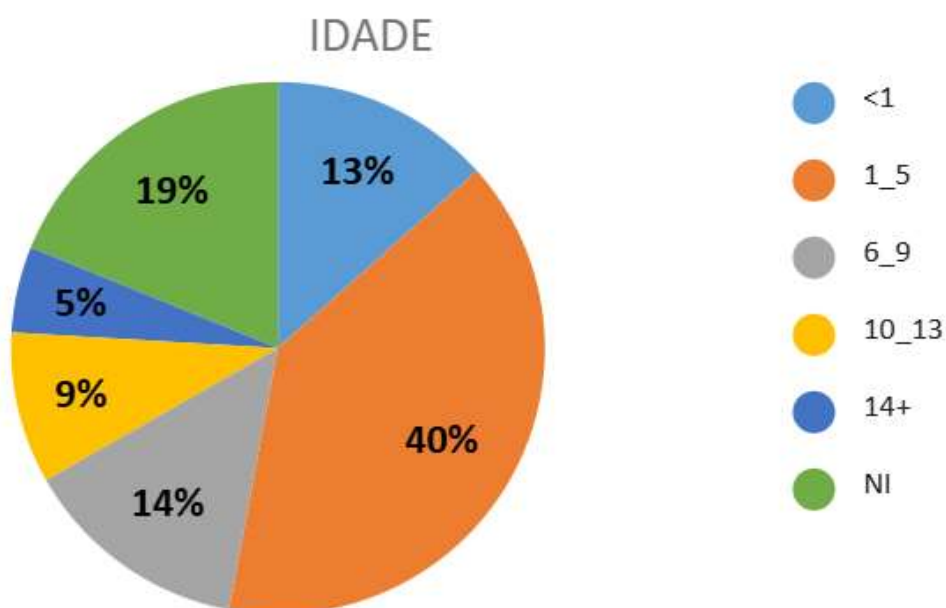
Em estudos futuros, seria interessante investigar a relação entre o sexo e a ocorrência de diferentes afecções orais em felinos, considerando também o estado reprodutivo dos animais. Esses estudos poderiam contribuir para um melhor entendimento das condições associadas às doenças orais em gatos e auxiliar na implementação de medidas preventivas mais eficazes.

4.3.3 Idade

A maioria dos gatos atendidos (40%) encontrava-se na faixa etária de 1 a 5 anos, seguida pelas faixas etárias de < 1 ano (13%) e 6 a 9 anos (14%). Gatos com 10 anos ou mais representavam 24% da amostra, enquanto a idade não foi informada em 19% dos prontuários (Figura 3).

A distribuição da idade dos gatos atendidos no HUV/UFPB é similar à encontrada em outros estudos com populações felinas, que demonstram uma maior frequência de atendimentos de gatos adultos jovens (Fugita, 2016). Essa maior frequência pode estar relacionada a fatores como a maior exposição de gatos jovens a agentes infecciosos e a traumas, bem como a maior procura por atendimento veterinário para castração e vacinação nessa faixa etária.

Figura 3 – Idade dos felinos atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB (2018-2022).



Fonte: resultados da pesquisa (2024)

A idade é um fator importante na ocorrência de afecções orais em felinos, influenciando tanto a susceptibilidade a diferentes doenças quanto a gravidade do quadro clínico. Gatos jovens, com sistema imunológico em desenvolvimento, são mais suscetíveis a infecções virais e bacterianas, como a estomatite felina e a gengivite (Gioso, 2003). Com o envelhecimento dos animais, a incidência de doenças periodontais aumenta, podendo levar à perda de dentes e comprometer a função mastigatória. (American Veterinary Dental College, 2019). Em felinos idosos, a reabsorção dentária torna-se mais frequente, o que contribui para a perda dentária e a dor oral (Lund *et al.*, 1998).

No presente estudo, a alta frequência de gatos adultos jovens (1 a 5 anos) sugere que as afecções orais diagnosticadas nessa faixa etária podem estar relacionadas a fatores como a presença de doenças infecciosas, traumas e hábitos alimentares inadequados. A análise da associação entre a idade e a ocorrência de afecções orais específicas será abordada nas próximas seções deste capítulo. É fundamental que médicos veterinários estejam atentos à influência da idade na saúde oral felina, a fim de implementar medidas preventivas e terapêuticas adequadas para cada faixa etária.

4.3.4 Vacinação e Vermifugação

A vacinação e a vermifugação são medidas profiláticas essenciais para a saúde dos felinos, contribuindo para a prevenção de diversas doenças infecciosas que podem afetar, direta ou indiretamente, a saúde oral. A Tabela 3 apresenta os dados sobre a vermifugação dos gatos atendidos no HUV/UFPB.

Tabela 3- Vermifugação dos felinos (n=478) atendidos no HUV/UFPB (2018-2022)

Vermifugação	Total (%)	Machos (%)	Fêmeas (%)
Sim	200 (42%)	90 (45%)	110 (55%)
Não	278 (58%)	137 (49,20%)	141 (50,80%)
Total	478 (100%)	225 (100%)	253 (100%)

Fonte: resultados da pesquisa (2024)

Observa-se que a maioria dos gatos atendidos (58%) não estavam vermifugados no momento da consulta. Essa baixa frequência de vermifugação é preocupante, pois a infestação por parasitas pode causar imunossupressão, predispondo os animais a infecções oportunistas, inclusive na cavidade oral (Bowman, 2009). Além disso, alguns parasitas, como o *Toxocara cati*, podem migrar para a cavidade oral, causando lesões e inflamação (Teixeira *et al.*, 2020). A Tabela 4 apresenta os dados sobre a vacinação antirrábica e viral dos gatos atendidos.

Tabela 4 - Vacinação dos felinos (n=478) atendidos no HUV/UFPB (2018-2022)

Vacinação	Total (%)	Machos (%)	Fêmeas (%)
Antirrábica	252 (53%)	121 (48%)	131 (52%)
Viral	38 (8%)	17 (44,70%)	21 (55,30%)
Não	184 (38%)	87 (47,20%)	97 (52,20%)
Viral	4 (1%)	0 (0%)	4 (100%)
Total	478 (100%)	225 (100%)	253 (100%)

Fonte: resultados da pesquisa (2024)

A vacinação antirrábica foi observada em 53% dos gatos, enquanto apenas 8% receberam a vacina polivalente viral (tríplice felina). Esses dados indicam uma baixa cobertura vacinal na população estudada, o que aumenta o risco de doenças infecciosas que podem causar danos a saúde oral dos felinos (Day *et al.*, 2016). A vacina tríplice felina protege contra o herpesvírus felino 1 (FHV-1), o calicivírus felino (FCV) e o parvovírus felino (FPV), vírus que podem causar lesões orais e imunossupressão, predispondo a infecções secundárias (Soares *et al.*, 2024). A vacina antirrábica, além de prevenir a raiva, uma zoonose de alta letalidade, também contribui para a saúde oral, uma vez que a infecção pelo vírus da raiva pode causar paralisia dos músculos da mastigação e deglutição.

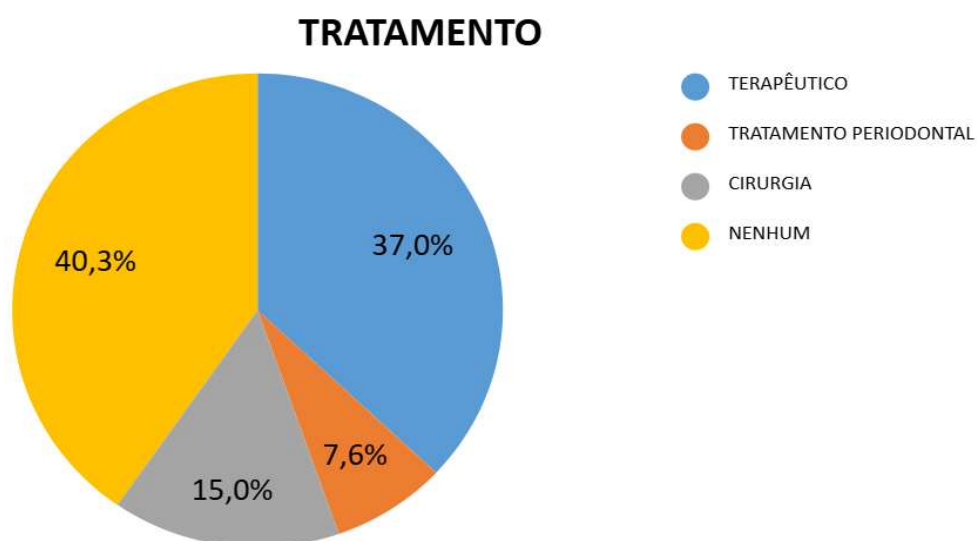
4.3.5 Tratamentos

A escolha do tratamento para as afecções orais em felinos depende do tipo e da gravidade da afecção, a idade, o estado geral de saúde do paciente e as preferências do tutor. A figura 4 apresenta a frequência dos diferentes tipos de tratamento realizados nos gatos com afecções orais atendidos no HV/UFPB.

O tratamento que engloba o uso de medicamentos como antibióticos, anti-inflamatórios e analgésicos, foi o mais frequente (37%), seguido pelo tratamento periodontal (8%) e pela cirurgia (15%). Em 40% dos casos, não foi registrado nenhum tipo de tratamento no prontuário, pois possivelmente estes casos ou foram encaminhados para outros locais ou o paciente apresentava outro tipo de enfermidade que demandava um cuidado mais urgente sobrepondo o tratamento da afecção oral.

A alta frequência de tratamento terapêutico era esperada, visto que muitas afecções orais, como a gengivite e a estomatite felina, respondem bem ao uso de medicamentos (Gioso, 2003). Antibióticos são frequentemente utilizados para controlar infecções bacterianas secundárias, enquanto anti-inflamatórios e analgésicos auxiliam no controle da dor e da inflamação (Hawkins *et al.*, 2015). É importante destacar que o tratamento medicamentoso deve ser sempre acompanhado de medidas de higiene oral domiciliar, como a escovação dentária, para garantir a efetividade do tratamento e prevenir recidivas.

Figura 4 - Tratamentos dos felinos (n=478) atendidos no Hospital Universitário Veterinário da UFPB (2018-2022)



Fonte: resultados da pesquisa (2024)

O tratamento periodontal, que inclui procedimentos como a profilaxia dentária e a raspagem subgengival, odontosseção, descolamento de gengiva e mucosa, luxação dentária, exodontias, curetagem alveolar, alveoloplastia e sutura de retalho muco-gengival é indicado para casos de gengivite e periodontite (American Veterinary Dental College, 2019). A profilaxia dentária consiste na remoção do cálculo dental e polimento dos dentes, enquanto a raspagem subgengival remove a placa bacteriana e o cálculo dental abaixo da linha da gengiva (Brook *et al.*, 2017). Esses procedimentos são realizados sob anestesia geral e visam controlar a inflamação e promover a regeneração dos tecidos periodontais.

A cirurgia é frequentemente indicada para casos mais complexos, como fraturas dentárias, neoplasias orais e deformidades faciais (Verstraete *et al.*, 2010). As cirurgias orais em felinos podem ser desafiadoras, devido ao tamanho reduzido da cavidade oral e à fragilidade dos tecidos (Gioso, 2003). Complicações como infecções, deiscência de suturas e hemorragias podem ocorrer, requerendo cuidados pós-operatórios adequados.

A alta frequência de casos sem tratamento registrado (40%) pode estar relacionada com a falta de conhecimento do clínico com a cavidade oral, a gravidade da afecção ou a opção por tratamento de um outro fator superior. É importante que

médicos veterinários orientem os tutores sobre a importância do tratamento adequado das afecções orais, a fim de prevenir complicações e garantir o bem-estar dos animais.

Em geral, os dados sobre os tratamentos realizados no HUV/UFPB refletem a diversidade de afecções orais em felinos e as diferentes abordagens terapêuticas disponíveis. A escolha do tratamento adequado deve ser sempre individualizada, considerando as necessidades de cada paciente e os recursos disponíveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo retrospectivo, revelou que dos 2827 felinos domésticos atendidos HUV/UFPB durante o período de estudo (2018-2022) 478 apresentavam afecções orais. Ao analisar os dados dos gatos acometidos proporcionou uma visão abrangente acerca da ocorrência de afecções orais nessa população felina. Os resultados obtidos revelaram uma alta prevalência de doenças periodontais, com a doença periodontal e a gengivite, apontando as doenças periodontais como uma das afecções importante na saúde oral dos gatos, impactando tanto o seu bem-estar como a qualidade de vida destes animais.

A análise da distribuição das afecções orais ao longo dos anos revelou uma variação na frequência dos casos, com um pico em 2018 e uma queda acentuada em 2020, possivelmente relacionada à pandemia de COVID-19. Nos anos

subsequentes, observou-se um aumento gradual no número de casos, sugerindo uma retomada da demanda por atendimento odontológico veterinário.

A caracterização da população felina atendida no HUV/UFPB demonstrou uma predominância de gatos Sem Raça Definida (SRD), o que reflete o perfil da população felina no Brasil. A distribuição etária dos animais mostrou uma maior ocorrência de gatos adultos jovens, entre 1 e 5 anos de idade. Em relação ao sexo, observou-se uma distribuição equilibrada entre machos e fêmeas.

A análise dos dados sobre vacinação e vermifugação revelou uma baixa cobertura vacinal e uma alta frequência de gatos não vermifugados, o que aumenta o risco de doenças infecciosas que podem causar afecções orais em felinos. Esses achados reforçam a importância da educação dos tutores sobre a importância da vacinação e vermifugação regular dos seus animais.

Em relação aos tratamentos realizados, o tratamento terapêutico, com o uso de medicamentos, foi o mais frequente, seguido pelo tratamento periodontal e pela cirurgia. A alta frequência de casos sem tratamento registrado ressalta a necessidade de orientar os tutores sobre a importância do tratamento adequado das afecções orais, a fim de prevenir complicações e garantir o bem-estar dos animais.

O presente estudo apresenta limitações inerentes ao delineamento retrospectivo, como a possibilidade de vieses de seleção e informação. No entanto, os resultados obtidos foram muito importantes, pois há uma escassez de trabalhos sobre afecções orais em felinos no Nordeste, principalmente em instituições de ensino superior nos últimos 5 anos, contribuindo assim, para o conhecimento do perfil das doenças orais em gatos atendidos em um Hospital Universitário Veterinário e que podem auxiliar na implementação de medidas preventivas e no planejamento de estratégias de saúde oral para essa população.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN VETERINARY DENTAL COLLEGE. **Guidelines for Veterinary Dentistry**. 2019.
- BELLOWS, J. Tooth resorption. *In: Feline Dentistry*. Ed J. Bellows. Wiley-Blackwell, Ames. p. 229-248, 2009.
- BIONI, L. B. F. F. Carcinoma de células escamosas em felino: relato de caso. **Pubvet**, v. 12, n. 7, 2018.
- BOWMAN, D. D. **Georgis' parasitology for veterinarians**. 9. ed. St. Louis: Saunders Elsevier, 2009.
- BROOK, A. *et al.* **Directrizes Dentárias Globais da World Small Animal Veterinary Association**. 2017.
- CAMPOS, G. O. *et al.* Carcinoma de células escamosas em gato preto. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 52, n. 1, p. 946, 2024.
- CARIBE, L. C.; MACEDO, S. B.; POUBEL, D. L. N. **Odontologia e Medicina Veterinária: um diálogo necessário para ampliar as possibilidades de atuação**. Brasília, 2016.
- DAY, M. J. *et al.* Guidelines for the vaccination of dogs and cats compiled by the Vaccination Guidelines Group (VGG) of the World Small Animal Veterinary Association (WSAVA). **Journal of Small Animal Practice**, v. 57, n. 1, p. 1-45, 2016.
- DINIZ, D. S. **Carcinoma sólido em língua de gato (Felis catus): relato de caso**. 2024. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/30609>. Acesso em: 24 out. 2024.
- DUBOC, M. V. **Percepção de proprietários de cães e gatos sobre a higiene oral**. 2009. 49 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- FERRO, D. G. *et al.* Prevalência de neoplasias da cavidade oral de gatos atendidos no Centro Odontológico Veterinário - Odontovet® - entre 1994 e 2003. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 40, p. 211-212, 2003.
- FUGITA, M. S. **Estudo retrospectivo das afecções orais em 754 felinos domésticos (Felis catus) atendidos no Laboratório de Odontologia Comparada da Universidade de São Paulo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- GIOSSO, M. A. **Odontologia para o clínico de pequenos animais**. São Paulo: Roca, 2003.

HAWKINS, M. G. et al. AAHA dental care guidelines for dogs and cats. **Journal of the American Animal Hospital Association**, v. 51, n. 2, p. 75-82, 2015.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde 2013**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

LOPES, I. A. de S. **Estudo prospetivo da avaliação de dor oral em gatos com doenças dentárias**. 2023. Tese de Doutorado - Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023.

LUND, E. M. et al. Prevalence and risk factors for feline odontoclastic resorptive lesions. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 212, n. 4, p. 542-546, 1998.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VNUK, D et al. Feline high-rise syndrome: 119 cases (1998-2001). **Journal of feline medicine and surgery**, v. 6, n. 5, p. 305-312, 2004. doi:10.1016/j.jfms.2003.07.001.

NEVES, L.; WANDERLEY, M. C.; PAZZINI, J. Doença do trato urinário em gatos (*Felis catus domesticus*, Linnaeus, 1758) atendidos em clínicas veterinárias da região de Ribeirão Preto-SP. **Nucleus Animalium**, v. 3, n. 1, p. 115-136, 2011.

PASSOS, L. C. et al. Linfadenectomia mandibular bilateral em felino com carcinoma de células escamosas no lábio inferior: Relato de caso. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, v. 18, n. 2, p. 1-7, 2024.

QUESSADA, Ana Maria et al. Amputação traumática da língua em cão. Relato de caso. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR**, v. 10, n. 1, 2007.

SANTOS, B. C. M. M. **Complexo Gengivite-Estomatite-Faringite dos Felinos**. 2014. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real – Portugal, 2014.

SANTOS, N. S.; CARLOS, R. S. A.; ALBUQUERQUE, G. R. Doença periodontal em cães e gatos - revisão de literatura. **Medvep - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação**, v. 10, n. 32, p. 30-41, 2012.

SANTOS, D. L.; LUCAS, R.; LALLO, M. A. Epidemiologia da imunodeficiência viral, leucemia viral e peritonite infecciosa em felinos procedentes de um hospital veterinário. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, v. 11, n. 2, p. 161-168, 2013.

SANTOS, N. N. et al. Carcinoma de células escamosas em felino: relato de caso. **Pubvet**, v. 12, p. 138, 2018.

SICCHIERI, B. G. et al. Carcinoma de células escamosas de plano nasal em felino: abordagem clínico-histopatológica - relato de caso. **Revista de Medicina Veterinária do UNIFESO**, v. 3, n. 1, 2023.

SILVA, A. P. da et al. Afecções orais e retrovíroses em gatos de abrigo. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 39, p. 516-522, 2019.

SILVA, L. D. et al. Carcinoma de células escamosas grau III em cavidade oral de um canino, aspectos citológicos e histopatológicos. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 1, p. e20312139711-e20312139711, 2023.

SLATTER, D. **Textbook of small animal surgery**. 3. ed. St. Louis: Saunders Elsevier, 2007.

SOARES, S. F. et al. Revisão de literatura: *Tritrichomonas foetus* em felinos domésticos (*Felis catus*). **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 22, 2024.

SOUKUP, Jason W.; HETZEL, Scott; PAUL, Annie. Classification and epidemiology of traumatic dentoalveolar injuries in dogs and cats: 959 injuries in 660 patient visits (2004–2012). **Journal of veterinary dentistry**, v. 32, n. 1, p. 6-14, 2015.

STANCZYK, V. R. et al. As principais afecções odontológicas em pequenos animais. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 6, p. 1606-1615, 2024.

TEIXEIRA, W. F. P. et al. Investigação parasitológica e molecular de *Toxoplasma gondii* em urina e saliva de felinos (*Felis catus*) infectados experimentalmente. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, 2020.

THRUSFIELD, M. **Veterinary epidemiology**. 3. ed. Oxford: Blackwell Science, 2007.

TOURE, S. et al. Réimplantation en urgence après amputation traumatique complète de la langue chez un enfant. **Revue de stomatologie et de chirurgie maxillo-faciale**, v. 104, n. 1, p. 52-54, 2003.

VENTURINI, M. A. F. A. et al. Doenças da cavidade oral atendidas no Centro Odontológico Veterinário durante 44 meses - estudo retrospectivo. **Nosso Clínico**, v. 10, n. 59, p. 6-12, 2007.

VERSTRAETE, F. J. M. et al. Feline chronic gingivostomatitis. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 40, n. 5, p. 883-901, 2010.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZAR, J. H. **Biostatistical analysis**. 5. ed. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2010.

ZHANG Q. Z. et al. Oral Rehabilitation of Patients Sustaining Orofacial Injuries: The UPenn Initiative. **Advances in Dental Research**, v. 30, n. 2, p. 50-56, nov., 2019. Doi: 10.1177/0022034519877400. PMID: 31633385; PMCID: PMC6806127.